

Release

Vítima de estupro vira algoz do seu próprio crime

Estudo de caso analisa enquadramento das notícias do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro

Ruy Bucar 606 MTB –GO

Estupro coletivo de uma menor de 16 anos, ocorrido no Rio de Janeiro, em maio de 2016, causa enorme repercussão, provoca debates e polêmicas intermináveis e coloca o Brasil mais uma vez nas manchetes da mídia internacional com um caso de polícia que mistura violência, descaso e preconceito. O caso foi concluído depois de um mês da data de ocorrência e foi comprovado o crime de estupro com sete indiciados, dois deles condenados a 15 anos de prisão em regime fechado. O artigo visa demonstrar como a vítima, enquanto mulher, foi tratada pelos meios de comunicação e como rapidamente ela se tornou culpada pelo crime.

O caso ocorreu no dia 21 de maio de 2016 no complexo de favelas São José Operário, zona oeste do Rio de Janeiro e chocou a sociedade brasileira. A menor só teve coragem de dar seu primeiro depoimento à polícia cinco dias depois do acontecimento. A mídia, ao divulgar o caso que ainda estava sendo apurado pela polícia, afirmou de forma enfática que a jovem tinha sido estuprada por trinta e três homens. Até julho de 2016 a polícia ainda não havia terminado as investigações e a mídia, sem apuração, ora publicava que ela havia sido estuprada por mais de trinta homens, ora desmentia o caso e isso acontecia de acordo com o andamento das investigações.

Os autores analisam o enquadramento dos jornais digitais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e o portal de notícias G1, com base no conceito de Murilo César Soares que recomenda que a análise de enquadramento é extremamente adequada para analisar materiais jornalísticos, pois ela é capaz de colocar em evidência alguns vieses implícitos da produção. É uma abordagem que salienta a construção do texto, que possibilita ao pesquisador conhecer o que há de implícito, ultrapassando a suposta objetividade e imparcialidade dos textos. “Ao desenvolver a análise, o pesquisador identifica as estratégias textuais e as representações contidas em um *corpus*, podendo estabelecer, por exemplo, contrastes entre coberturas diferentes, as quais, a uma simples leitura, podem parecer semelhantes”, diz o teórico.

Os autores relatam que o caso gerou tanta polêmica que um evento foi criado por meio das redes sociais para discutir e debater a cultura do estupro. O ato realizado em diversas partes do Brasil chamado “Por Todas Elas” reuniu pessoas que lutam pela equidade de gênero e mulheres que já foram vítimas de estupro ou assédio. Este evento destacou a cobertura da mídia e pediu que assuntos deste cunho sejam publicados com mais responsabilidade. Tem-se mais uma vez a discussão da responsabilidade do jornalismo na reprodução de notícias e na produção de sentido onde os telespectadores/ leitores se sentiram prejudicados com a forma que a mídia noticiou o fato.

“Dois pontos são passíveis de análise neste fato, o primeiro deles é a espetacularização e o sensacionalismo da notícia como forma de atrair o público mesmo sem ter provas do número exato de participantes e o segundo destaque é para a forma como a vítima foi tratada pelos meios de comunicação. As notícias começaram a ser divulgadas a partir de 26/05, dia em que a jovem prestou o primeiro depoimento para a polícia. Vale ressaltar que as análises aqui expostas se detiveram apenas aos textos presentes nas webnotícias”, destacam os autores.

Os autores chegam a conclusão que de acordo com as análises feitas, pode-se inferir que a mídia espetacularizou o caso e fez uma abordagem do acontecimento desfavorável à vítima, reproduzindo um discurso estereotipado no trato de uma agressão à mulher. Sempre o que conta são os possíveis desvios de conduta da mulher, há sempre uma investigação da vida dela como se esses fatores influenciassem diretamente no ato de ser estuprada.

“Pode-se concluir que existe uma necessidade de denúncia de violências e violações aos direitos humanos sem espetacularização. Os veículos de comunicação precisariam fazer uma abordagem mais humanizada e por esse tipo de abordagem se entende uma cobertura menos focada na quantidade de estupradores e mais focada em um problema que não é isolado, é público e está associado diretamente a valores machistas reproduzidos na sociedade e isso é tão forte que a cobertura jornalística, inclusive, esquece-se de que a vítima é uma adolescente”, concluem os pesquisadores lembrando que historicamente, a desigualdade entre homem e mulher na sociedade tem sido evidenciada cientificamente e essa disparidade vem sendo perpetuada por meio de discursos machistas que são propagados pelos aparelhos privados de hegemonia.

Como citar a pesquisa

GATTO, Yasmin Ribeiro; SOARES, Murilo César. A MULHER COMO ALGOZ DE SEU PRÓPRIO CRIME: enquadramento das notícias do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro. **Revista Observatório**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 517-543, jan. 2018. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3329>>. Acesso em: (data de acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p517>.